

TECNOLOGIA E ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO ACERCA DA OBSCURIDADE DESTA RELAÇÃO

Patricia Cristina Faria Bonani ¹
Alexsandro Cardoso dos Santos ²

RESUMO

Este artigo surge como produto da inquietação dos seus autores, professores da rede pública municipal e pesquisadores na área da educação, em compreender o processo de privatização e crescimento nas parcerias de empresas privadas dentro do âmbito da educação pública. Isto posto, o texto disserta acerca da relação entre a difusão massiva do uso da tecnologia em salas de aula de escolas públicas brasileiras, através de contratos e parcerias público privadas com grandes conglomerados, sob o pretexto da motivação dos educandos e facilitador no processo de ensino e aprendizagem; e o processo de privatização da educação pública que redefine o papel da escola e o trabalho docente, observado nas transformações da educação básica atual. Este movimento indica mudanças profundas no oferecimento do serviço educacional, principalmente em função desta proposta educativa “inovadora”, logo, é necessário o exame crítico do assunto para a compreensão da incumbência deste modelo educacional e seu discurso ideológico no contexto de crise política e econômica brasileira atual. Portanto, o objetivo do artigo foi investigar acerca da relação do trabalho e educação na atualidade com este novo modelo escolar, analisando os diversos aspectos do modo de produção capitalista, no qual, através de análises documentais e pesquisa bibliográfica com referências nos campos da sociologia e educação, contendo como base principal a teoria marxista, encontramos justificativas acerca do impacto deste progresso na função social da escola que visa os interesses e as exigências da economia capitalista.

Palavras-chave: Parcerias, Trabalho, Educação, Tecnologia

INTRODUÇÃO

“Sem sombra de dúvida, a vontade do capitalista consiste em encher os bolsos, o mais que possa. E o que temos a fazer não é divagar acerca da sua vontade, mas investigar o seu poder, os limites desse poder e o caráter desses limites.”

Karl Marx

Este trabalho surge como produto de uma inquietação vivida pelos autores nos seus últimos anos de magistério no ensino fundamental e a observação de práticas e projetos que o adentram massivamente no que tange a denominada tecnologia, empreendedorismo e habilidades socioemocionais. Neles, despertou a necessidade de entender um pouco mais o

¹ Mestranda em Educação na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Professora de Inclusão Escolar na rede pública municipal de Barueri - SP, patriciacfbonani@gmail.com.

² Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto - FHO; Professor de educação básica na rede pública municipal de Santana de Parnaíba - SP, alexsandro.card2018@gmail.com.

processo de privatização e crescimento nas parcerias e atendimentos feito por institutos e fundações ligados a empresas privadas dentro do âmbito da educação pública.

Gilberto Luiz Alves em seu livro *A produção da escola pública contemporânea* (2001), faz uma análise da produção material da escola, onde analisando o trabalho, propõe a necessidade de uma leitura atenta dos clássicos para sua análise referente a escola pública contemporânea, encontramos neste a ideia de que a educação escolar, mais precisamente entre os séculos XIX e XX está aliada a relação capital e trabalho, assim como, o período histórico da manufatura e grande indústria e suas modificações referente a força de trabalho são as bases que consolidaram tal forma escolar homogeneizadora e controladora. Porém, tal forma não permanece inerte, sempre está em movimento, presenciamos isso com mudanças radicais, como as que são provenientes do desenvolvimento da tecnologia e os grandes conglomerados adentrando massivamente no campo educacional, em meio a uma gama de alterações nas relações sociais de educação aliadas a organização social capitalista. Para observar tal movimento Carolina Catini (2018, p. 33) nos alerta: “estamos assistindo à mais radical transformação que a educação já passou em sua história desde a generalização de sua forma social massiva e hegemônica, a escola”.

Em nossa rotina e formações é presente o discurso acerca dos temas de cidadania, empreendedorismo, habilidades socioemocionais, assim como a insistência do estímulo do espírito competitivo e da concorrência. Qual a ideologia presente em tais discursos? Se nos atentarmos a análise do termo descrito por Marilena Chauí (1991, p.120) descrevendo os estudos de Marx e Engels em “*A Ideologia Alemã*”, os mesmos afirmam que a ideologia vivenciada é a desprovida de historicidade e por ser assim, a mesma fabrica uma história imaginária, ou seja, “a ideologia burguesa tem o culto da história entendida como progresso. [...] Com esse culto ao progresso, a burguesia e seus ideólogos justificam o direito do capitalismo de colonizar os povos ditos ‘atrasados’ para que se beneficiem dos ‘progressos da civilização’”, onde tal processo legitima a dominação das classes que dominam, pois, tal história ideológica é sempre narrada do ponto de vista dos poderosos e vencedores. Logo, “graças a esse tipo de história, a ideologia burguesa pode manter sua hegemonia mesmo sobre os vencidos, pois estes interiorizam a suposição de que não são sujeitos da história, mas apenas seus pacientes” (CHAUÍ, 1991, p.125).

Por conseguinte, o capital é o processo de valorização e renovação constante, fator dependente para a sua existência. Este também está nas relações sociais, na sociabilidade,

como um *poder estranho*. É com o caráter fetichista da mercadoria e, por conseguinte, de todas as formas sociais do capital, que Marx desmascara os modos mistificadores do sistema capitalista.

A mercadoria assume uma forma social, pois, é através desta que se dá a sociabilidade entre as pessoas neste sistema, pessoas vistas como potenciais compradores que pautam suas vidas em trocas de mercadorias, inclusive a própria força de trabalho, também mercadoria, relações sociais que se ocultam por trás de relações entre mercadorias e as movimentam através da troca como se fosse algo “natural” (GRESPLAN, 2012), onde “a coisa³ adquire características sociais específicas, [...] graças às quais não só oculta as relações de produção entre as pessoas, como também as organiza, servindo como elo de ligação entre as pessoas” (RUBIN, 1980, p.24) e o caráter histórico constitutivo dessa forma de sociedade fica oculto, contribuindo para sua continuidade. Porém, Marx usa o termo *fetich*e para indicar que

não são só as relações entre as pessoas que adquirem atributos objetivos, como também as coisas passam a se revestir de qualidades subjetivas; ‘fetich’ é justamente uma coisa enfeitada, algo inanimado que se move como se fosse vivo. Não é que as mercadorias possam ir por conta própria ao mercado, mas lá elas são aparentemente trocadas apenas por seu valor de uso, por qualidades pertencentes a elas, quando o que sustenta e permite a troca é o valor, socialmente estabelecido. Até o valor parece tributo das coisas, não do trabalho (GRESPLAN, 2008, p.38).

Movido a maiores consequências vemos que até a subjetividade é transferida para as coisas, como quando ouvimos: “o mercado está calmo”, ao mesmo tempo que atualmente encontramos adjetivos de ordem empresarial para caracterizar os indivíduos, ocorrendo uma inversão “entre o papel social das coisas e das pessoas, do objeto e do sujeito” (GRESPLAN, 2006, p.69). E isso é uma “ilusão real”, regulariza nossas ações e relações, “seu próprio movimento social possui [...] a forma de um movimento de coisas, sob cujo controle se encontram, em vez de controlá-las” (MARX, 1988, p.72), onde as “relações humanas estão por trás das relações entre as coisas, revelando a ilusão da consciência humana que se origina da economia mercantil e atribui às coisas características que têm sua origem nas relações sociais entre as pessoas no processo de produção (RUBIN, 1980, p.19), como quando Marx afirma, *não sabemos, mas fazemos*. É necessário a análise e estudo de tal teoria e processos históricos para analisar criticamente o momento presente, visando isso, e, buscando explorar conexões entre trabalho e educação.

³ “Cremos ser necessário mencionar que por ‘coisas’ queremos dizer os produtos do trabalho, como fez Marx. Esta qualificação do conceito de coisa não apenas é possível, mas indispensável, na medida que estamos analisando a circulação de coisas no mercado enquanto vinculadas à atividade produtiva das pessoas” (RUBIN, 1980, p.25)

Quando falamos em educação, no sistema capitalista, automaticamente remetemos a ideia da instituição escolar que “se justifica, a princípio, e em grande medida, pela finalidade de formar o futuro trabalhador ou a futura trabalhadora, o que significa dar condições para sua inserção no mercado de trabalho” (CATINI, 2013, p.15). *Você deve estudar muito para arrumar um bom trabalho e ser alguém na vida!*, qual filho(a) de um(a) trabalhador(a) nunca escutou algo parecido? Ou seja, tal educação escolar⁴ tornou-se algo obrigatório e necessário durante a vida, como também, torna-se “parte necessária das condições para a realização da própria exploração do trabalho [...] na medida em que se torna necessidade, o desenvolvimento da educação escolar alcança um importante lugar na ‘produção’ dessa mercadoria força de trabalho” (CATINI, 2013, p.15).

Como vimos, o processo em que a força de trabalho transforma-se em mercadoria no modo de produção capitalista, modifica completamente o modo de vida das pessoas e suas relações sociais, logo, o modo de educar também sofrerá implicações, na medida em que “o processo educativo, ao formar força de trabalho, estabelece uma relação [não imediata] com a forma mercadoria, quer dizer, com a objetividade das coisas alienáveis, vendáveis, própria dessa forma social” (CATINI, 2013, p.16), onde, o papel da escola consistirá num dos meios para a valorização do valor nesse sistema⁵, pois, é na dimensão abstrata do trabalho concreto que se dá a exploração e que constituindo o capitalismo é necessário para sua sobrevivência, sua reprodução. Diferentemente do que anteriormente entendia-se pelo processo de aprendizagem e socialização como descreve Enguita (1989, p.107), “em geral, a aprendizagem e a educação tinham lugar como socialização direta de uma geração por outra, mediante participação cotidiana das crianças nas atividades da vida adulta e sem a intervenção sistemática de agentes especializados que representa hoje a escola”. Ou seja, com a ideologia burguesa é necessário extirpar também quaisquer culturas e costumes, dando lugar ao modo de produção capitalista. Como? “Educá-los, mas não demasiadamente. O bastante para que aprendessem a respeitar a ordem social, mas não tanto que pudessem questioná-la.” (ENGUIITA, 1989, p.112).

⁴ “Isto, evidentemente, quando se trata da educação massiva e, portanto, em grande parte voltada para quem é destituído de propriedades, e tem, necessariamente, que vender sua força de trabalho para viver” (CATINI, 2013, p.15).

⁵ Como sabemos, “a força de trabalho não é uma mercadoria qualquer, mas uma mercadoria que tem como valor de uso a capacidade de produzir mais valor. É nessa mercadoria *sui generis* do capitalismo que se encontra o segredo da valorização; é a força de trabalho que tem como característica fundamental o fato de gerar mais valor durante a produção, fundamento do modo de acumulação do capital” (CATINI, 2013, p.18).

Vemos presente a função do Estado como favorecedor na consolidação deste sistema, através da legislação e regulamentação, bem como, um caráter educacional disciplinador e punitivo aos que não se adequavam ao sistema⁶, pois “se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (FOUCAULT, 2002, p.119), é através da disciplinarização dos corpos que aumenta-se a capacidade produtiva que visa a acumulação de capital, “tornar corpos dóceis e aplicar todo o tempo da vida institucional em atividades úteis, de maneira minuciosa e constantemente vigiada, eram alguns objetivos dessa prática” (CATINI, 2013, p.39).

Porém observamos que tal função social está em mudanças, a formação do estudante não é mais para o trabalhador da fábrica, mas para a sociedade sem vagas em empregos formalizados, e para isso a gestão de si mesmo e o empreendedorismo forjam o ideário de que todos podem atingir o objetivo de ser ricos com criatividade e resiliência. Sendo assim, a tática capitalista é um novo tipo de escola, a escola ‘moderna e inovadora’⁷, pois, “sejam quais forem a natureza e o teor da ‘inovação’, basta dizer que terá ‘modernização’ da escola para que, na cabeça de muitos, ela seja sinônimo de progresso, democracia, adaptação à vida contemporânea, etc”, mas, o objetivo de tal educação ainda desconhece o conhecimento e a instrução, “mas ter os alunos entre as paredes da sala de aula submetidos ao olhar vigilante do professor o tempo suficiente para domar seu caráter e dar a forma adequada a seu comportamento” (ENGUIA, 1989, p.116), recheados com doses cavalares de vídeos e formações empreendedoras. Como vimos, a forma escolar também é um produto necessário do desenvolvimento do modo de produção capitalista, ou seja, é o capital tomando nossos corpos, pensamentos, relações sociais e a nossa formação.

Portanto, o objetivo principal foi investigar acerca da relação do trabalho e educação na atualidade com este novo modelo escolar, analisando os diversos aspectos do modo de

⁶ “No que tange à educação precisamente, o que ocorre é que além da vigilância, das punições e da violência física empregada contra todos aqueles que estavam levando uma vida marginal ao trabalho industrial e à ordem dos pólos urbanos em crescimento, foram criadas e ampliadas instituições de caridade e de caráter disciplinador, como presídios, asilos, e orfanatos, ou seja, lugares onde se enclausura todos aqueles vadios, criminosos, velhos e doentes, que precisavam ser amoldados à nova ordem social, e se possível convertidos em trabalhadores produtivos” (CATINI, 2013, p.39).

⁷ Para exemplificar: “Educar bem é apenas fazer contas rapidamente e tirar notas altas? Ou é saber programar sistemas e se preparar para um mercado de trabalho que sequer existe ainda? Ou é alcançar conhecimentos sem fronteiras? Todas essas habilidades podem ser melhoradas com o uso da tecnologia e, especialmente na quarentena, há muitos alunos ocupando grande parte do tempo com vídeos, lives, roteiros de estudo e afins.” <<https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/como-a-tecnologia-esta-moldando-o-futuro-da-educacao/#page3>> Acessado em 22 de novembro de 2022.

produção capitalista, visando encontrar justificativas acerca do impacto deste progresso na função social da escola que visa os interesses e as exigências da economia capitalista.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e utiliza de análises documentais com referências nos campos da sociologia e educação, contendo como base principal a teoria marxista. no qual buscamos a compreensão de seus principais conceitos, procurando obter um suporte teórico adequado e crítico para refletir acerca da relação do trabalho e educação. Este processo de estudo combinou três movimentos que possibilitaram o processo de reflexão e síntese: seleção, leitura e análise dos documentos levantados, onde sua função foi estudar e buscar interpretar conceitos contidos nas obras que nos auxiliem na reflexão acerca da relação entre trabalho e educação na atualidade. A função dos intérpretes está no auxílio para refinar o entendimento dos conceitos, bem como, amparar o estudo teórico. Enquanto o primeiro e segundo movimento nos facilita em criar critérios para a seleção dos objetos de estudo e de sustentação ao desenvolvimento do texto; o terceiro entende-se enquanto momento de ampliar o alcance da busca por conexões para a análise das contradições atuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É incontestável que o movimento ‘inovador’ que está em voga e seduzindo todos os âmbitos da educação básica vale do sucateamento proposital da infraestrutura e currículo das escolas públicas. Mas para além disso, o mesmo nutre do falso ideário de que a escola continua formando para o mercado de trabalho, cujo o qual, não está aberto e disponível para todos, onde a maioria ultimamente que opta pelo “empreendedorismo” sobrarão as pequenas migalhas caídas e desnutridas, tais como, motoristas de aplicativos de *fast food* ou a exposição excessiva nas redes sociais - inclusive de crianças e jovens - com a ambição de alcançar a independência financeira mesmo que seja de forma sexualizada ou amplamente explorada. Logo, enquanto a mesa farta de uma minoria esbanja o sucesso advindo dessa exploração excessiva e predatória da classe trabalhadora, ou melhor, desempregada.

Vale lembrar que na educação pública atual, as instituições privadas estão ditando o progresso desse setor em uma simbiose tão bem elaborada que não conseguimos definir hoje o que é privado e o que é público, vide as parcerias com a Google for Education, por exemplo. Diante do exposto, nos últimos anos a tecnologia invadiu o nosso dia a dia ao ponto que não podemos mais viver sem ela, seja nas redes sociais ou dispositivos digitais. E obviamente, dentro deste movimento lucrativo a educação não poderia ficar de fora, portanto compreender esse processo nos motiva a pesquisar a relação entre a difusão massiva do uso da tecnologia em salas de aula visando entender o porquê de tamanho financiamento e interesse dos bancos e grandes conglomerados na educação pública.

Estamos num momento labiríntico, se alguém perguntar se você tem rede social e ouvir um “não” como resposta, você se torna um ser exótico no mesmo instante. É importante ressaltar que a modernização das unidades escolares enche os olhos, contudo, precisamos fazer uma leitura dialética, esmiuçando as complexas relações, e devemos questionar os motivos que movem tais interesses e investimentos. Será que os bancos e os grupos de conglomerados estão preocupados com a educação dos nossos filhos ao ponto de abrir mão de algum retorno de tais pecúlios? Evidentemente que não! Nenhum banco ou grande empresa faz alguma aplicação, seja em produtos ou serviços, sem a certeza do lucro, valendo-se de resultados quantitativos, pois como alerta o livro “Cuidado, Escola!”:

A escola não nos ensina qual é a alimentação sadia; como conseguir orientar-se no labirinto das instituições; de que modo cuidar de um bebê ou de uma pessoa doente etc. [...] Se as pessoas não sabem mais comer, mas paga o médico e a indústria farmacêutica para tratar os efeitos da má alimentação; se não sabem como educar os filhos, mas alugam serviços de educadores diplomados. [...] Tudo isso acontece porque a escola tem como objetivo inconfessável fornecer às indústrias, ao comércio, as profissões especializadas e ao Estado, trabalhadores, consumidores, clientes e administrados sob medida. (FREIRE, 1985, p.89)

Dermeval Saviani (2000) em “Escola e Democracia”, alertava que todo processo de transformação na educação só privilegia a classe dominante em detrimento de uma classe oprimida. Portanto, entender que mesmo o filho do trabalhador trocando seu caderno pelo chromebook, ou estudar em uma sala de aula que substitui o quadro negro por lousas digitais, projetores e telões, não garante a aprendizagem propriamente dita, dentro do processo evolutivo tecnológico, pelo contrário, apenas fortalece o ideário de subserviência a vontade de quem controla os processos de tal mecanismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não causa espanto aos que vivenciam o processo histórico com a percepção de que civilização e barbárie são dois lados da mesma moeda num modo de vida presidido pelo Capital.”

Carolina Catini

Presenciamos durante este texto algo que Gaudêncio Frigotto afirma em seu livro *A produtividade da escola improdutiva* (2001):

A escola também cumpre uma função mediadora no processo de acumulação capitalista, mediante sua ineficiência e sua desqualificação. Ou seja, sua improdutividade, dentro das relações capitalistas de produção torna-se produtiva. [...] A escola serve ao capital tanto por negar o acesso ao saber elaborado e historicamente acumulado, quanto por negar o saber social produzido coletivamente pela classe trabalhadora no trabalho e na vida (FRIGOTTO, 2001, p.224)

Sendo assim, seria utópico nos determos nestas considerações finais em descrever a potencialidade da escola e como esta poderia nos auxiliar na atualidade bárbara que estamos vivenciando, mas, sabemos que tal processo descrito já foi superado pelo capitalismo, está em um estágio mais avançado de desenvolvimento, pois como sabemos, “o capital é igualmente o processo de criação e destruição da totalidade de relações sociais” (GRESPLAN, 2012, p.252) logo, promove que garantam sua sobrevivência, mesmo que em meio a uma exploração desmedida, portanto, é urgente buscarmos entender a complexidade dessas mutações e o que as alimenta.

Não é novidade a profusão de parcerias público-privadas e do papel gerencialista do Estado a partir da década de 90 no Brasil, onde a gestão de serviços sociais passam a ser feitas através de empresas privadas, elemento que incentiva e intensifica a privatização da gestão no setor educativo, gerando um emaranhado confuso entre o direito público e o direito privado. É demasiada a quantidade de programas e parcerias com fundações e entidades privadas no campo da educação, *“as escolas de ensino básico - da alfabetização até as portas da faculdade - são consideradas a bola da vez no setor de educação. Grandes grupos e investidores estão cada vez mais interessados neste mercado que movimenta R\$ 67 bilhões por ano”*⁸, a educação é um mercado onde a privatização é o seu foco principal, a valorização

⁸ <https://www.valor.com.br/empresas/5113586/ensino-basico-atrai-faculdades-fundos-e-ate-jogador-de-futebol>
Acessado em 07 de Novembro de 2022.

do valor. Lembrando que tal movimento é efeito do “desenvolvimento capitalista e de suas crises”, bem como, “fruto de um tipo de conformismo conciliatório, que logrou a naturalização de uma ação política pseudo-reformista, subordinada aos preceitos fundamentais do neoliberalismo” (CATINI, 2017, p.6).

A novidade está no modelo que atua não somente nas relações sociais diretamente, mas no controle e na gestão de todos os setores educativos, subsumidos completamente ao sistema. Com a entrada massiva da tecnologia e temáticas de empresariamento e gestão da própria vida, tais programas tornaram-se mais evidentes nas secretarias estadual e municipal dos Estados, modificando a proposta educativa⁹, da mesma forma que a redução do caráter público em serviços estatais não inclinam para um retrocesso de um Estado mínimo no ponto de vista do capital, pelo contrário, torna-se um Estado forte que continua gerenciando os interesses dos capitalistas (MARX, 1988).

Vemos portanto que com o avanço do neoliberalismo no Brasil, e suas consequências, como a tendência de mercantilização das esferas da vida, a educação também sofre profundas alterações. A promiscuidade que contorna as relações entre Estado e os capitalistas, como as interações entre o público e o privado na educação básica, em suas diferentes dimensões, tem, como resultado, a subsunção dos ensino público aos interesses das classes dominantes.

Com o avanço da privatização, a relação capital e trabalho é marcada por um processo de mais exploração e individualização destes filhos de trabalhadores e trabalhadoras, vide as transformações que estamos presenciando com a avanço da lógica neoliberal e as parcerias com grandes conglomerados no local de formação da força de trabalho, a escola, onde temas como empreendedorismo e habilidades socioemocionais só evidenciam tal problemática e reafirmam a lógica do capitalismo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. Autores Associados, 2001.

⁹Atualmente vivenciamos “o mesmo sentido de privatização das relações sociais educativas, que tem se configurado como a passagem do controle da gestão, dos contratos de trabalho, dos conteúdos, dos recursos didáticos, enfim, de toda a organização do processo pedagógico para a mão de empresas privadas, isto é, do próprio capital” (CATINI, 2017, p.11).



BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas**. Brasiliense, 2017.

CATINI, Carolina de Roig. **A Crítica à Educação em Marx: discussões sobre a Educação e Trabalho na teoria marxiana**. Anais Colóquio MarxEngels, Cemarx, 2005.

_____. **A escola como forma social: um estudo do modo de educar capitalista**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. **Direito e educação em estado de exceção**. Cadernos Cemarx, n. 11, p. 31-50, 2018.

_____. **Privatização da Educação e Gestão da Barbárie**. 1.ed. São Paulo: Edições Lado Esquerdo, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. Brasiliense, 1991.

ENGUIA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Artes Médicas, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento na prisão**. Coautoria de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo et al. Cuidado, escola. **Desigualdade, domesticação e algumas saídas**, v. 35, 1980.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 2001.

GRESPLAN, Jorge. **A dialética do avesso**. Crítica marxista, v. 14, p. 26-47, 2002.

_____. **O negativo do capital**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Marx**. São Paulo: Publifolha, 2008.

MARX, Karl. **A mercadoria**. Coautoria de Jorge Luis da Silva Gresplan. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural: Livro I, Tomo I, 1988.



_____. **O Capital: crítica da economia política.** Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural: Livro I, Tomo II, 1988a.

_____. **Sobre a questão judaica.** Boitempo Editorial, 2015.

_____. **Trabalho assalariado e capital.** São Paulo, SP: Global, 1987.

MARX Karl; ENGELS Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Sundermann, 2008.

RUBIN, Isaak Illich. **A teoria marxista do valor.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **História do pensamento econômico.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **Para uma história da educação latino-americana.** Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Revista brasileira de educação, 2007.